

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Correio Braziliense

CLASS. : 75

DATA : 18 06 91

PG. : 06

Nova ameaça à Amazônia

Tarcísio Holanda

Há muitos sinais na imprensa mostrando que os Estados Unidos e seus principais aliados do Primeiro Mundo prepararam-se para traçar nova doutrina de convivência mundial, animados pelo sucesso da guerra no Golfo Pérsico. Uma nova **pax americana** em que se pretende redefinir os próprios limites da soberania de forma a afetar não as grandes potências, mas os países periféricos.

O desmantelamento dos regimes comunistas do Leste europeu e, em particular, a desagregação da União Soviética, o país-líder do bloco comunista, se trouxe notórios sinais de relaxamento nas tensões internacionais, em um primeiro estágio, contribuíram para reforçar a unipolaridade que entregou aos EUA, como maior potência bélica do lado capitalista, poder incontestável.

O presidente Fernando Collor inicia, hoje, uma viagem aos Estados Unidos debaixo de clima de preocupação. Diplomatas, políticos e empresários temem que a viagem do governante brasileiro venha a resultar em rotundo fracasso. Como o Congresso não definiu o fim da reserva de mercado, nem há prazo para aprovação do novo Código de Propriedade Industrial, o presidente Collor seria friamente recebido nos EUA.

Não há dúvida, na maioria dos espíritos sensatos, de que a abertura da economia brasileira para o mundo é uma necessidade inadiável. O Brasil não poderá continuar convivendo com uma economia autarquizada, que hostiliza investimentos nacionais e internacionais. A privatização constitui, portanto, uma necessidade aceita nacionalmente aqui, embora se discuta o grau dessa abertura, de forma a evitar que o Estado seja enfraquecido, quando sua presença ainda se torna indispensável.

Há uma histeria contra o Estado no mundo e, especialmente, no Brasil. Muitos se esquecem de que foi o Estado que permitiu que florescesse o capitalismo no País. Como foi e continua sendo o Estado friamente utilizado pelos japoneses para promover seu intenso desenvolvimento e tornar mais competitiva sua economia. Os novos países industrializados do sudeste asiático mostraram-se atentos às lições dos japoneses, valendo-se do Estado para impulsionar o seu desenvolvimento.

Devemos abrir a nossa economia à iniciativa privada, devemos criar atrativos para o capital estrangeiro, devemos lutar para acompanhar a evolução científica e tecnológica dos modernos países capitalistas, sem perder de vista o papel importante que o Estado deve continuar desempenhando na modernização do Brasil.

Quanto à unipolaridade, resultante do fim da guerra fria e do papel hegemônico que os Estados Unidos vão assumindo no mundo, não há como ignorar a crescente preocupação interna, no Brasil, com a cobiça internacional sobre a Amazônia. O projeto de internacionalização da região procura explorar generosas preocupações com a ecologia e a sobrevivência dos índios, de olho nas grandes reservas estratégicas de minérios.

Há suspeitas de que a CIA, a agência norte-americana de inteligência, estaria por trás dos atos de provocações na fronteira, semelhantes àquele do rio Traíra, quando vários soldados brasileiros foram mortos numa ação de surpresa. O mundo político precisa tomar conhecimento da ameaça que pesa à porção mais rica do território brasileiro, quando o Congresso dos Estados Unidos sugere à Casa Branca que inclua a demarcação dos índios ianomamis nas conversações de George Bush com o presidente Fernando Collor.